

*“O bispo tem confiança  
nesta comunidade,  
por isso incentivo,  
continuem...”*



**O absoluto de Deus  
e uma Igreja  
com futuro**

No dia comemorativo do cinquentenário do nascimento desta Comunidade da Serra do Pilar, a liturgia interpela-nos com textos bíblicos profundos e exigentes. A primeira leitura, construída à base do pregão muito forte e implicativo do «Shemá Israel» –“Escuta, Israel” – é um repto a abrir bem os ouvidos para que a rotina não conduza ao embaciado de uma fé que pode ter deixado ténues reminiscências de Deus, mas que já não Lhe dá guarida no coração e na existência. Recitado todos os dias como oração da manhã e da noite pelo judeu piedoso, este brado e o texto que se lhe segue lembra três realidades fundamentais: ao contrário das fantasias politeístas de todos os outros povos, para Israel, o centro da fé reside no absoluto de Deus, afirmado como “o único Senhor” que não admite rivais; o conseqüente amor que lhe é devido, expresso no cumprimento rigoroso dos mandamentos de Moisés; e a certeza de que a promessa de vida e felicidade se realizará, o que suporta e acalenta a grande virtude da esperança.

Jesus, no Evangelho, confirma tudo isto. E acentua algo que, não sendo absolutamente desconhecido dos judeus, tem de ser trazido para o centro, pois tinha sido afastado para as periferias da fé: o amor ao próximo. De facto, na lei de Moisés, o próximo era só o familiar ou membro da mesma tribo; para Jesus, o próximo é toda a mulher e todo o homem, incluindo os inimigos: “Amai os vossos inimigos”. De resto, este duplo preceito do amor nem sequer figurava no mesmo livro da Lei: o amor a Adonai é referido no Deuteronomio e o amor ao próximo consta do Levítico. A grande novidade de Jesus é juntar em uma única realidade a dupla face do amor, tal como numa

moeda ou medalha.

Dou graças a Deus porque, não obstante os ânimos e desânimos inerentes à história, nos seus cinquenta anos de vida, esta Comunidade da Serra do Pilar se tem caracterizado pela afirmação do absoluto de Deus, por manter viva a esperança do cumprimento das suas promessas e por fazer do amor, mormente o amor social, o referente necessário que deriva da fé. Nascida no contexto otimista e empolgante do pós-Concílio, encontrou no Catecumenato a forma de abrir os ouvidos a este “Shemá, Israel”. Sem se tornar elitista ou sectarista e apenas dar abrigo a uma minoria esclarecida. Tal não aconteceu porque a força do Espírito abre as portas que nós teimamos em fechar, como na manhã límpida e cristalina do Pentecostes. Daqui a vossa bela palavra de ordem: “Porta aberta e mesa posta”.

Não me sendo possível referir todos os aspetos que desejaria, devido à escassez do tempo, neste vosso processo existencial e formativo gostaria de referir três âmbitos, que constituem outras tantas colunas onde assenta uma Igreja com futuro: a iniciação cristã ou catecumenato; o lugar dos leigos na Igreja e o conseqüente princípio da sinodalidade; e o mundo como lugar teológico ao qual somos enviados como fermentadores.

O pressuposto da cristandade, de que quem nascia em terra cristã era cristão, está mais que desmentido pela realidade. O Cristianismo de tradição desapareceu. Hoje, é cristão apenas aquele que se disponibiliza a fazer a passagem do homem velho para o novo, que tem a sua

perfeição em Cristo, numa progressiva mudança de mentalidade e costumes, com suas consequências eclesiais e sociais. No fundo, é a passagem de uma fé inicial para uma outra cada vez mais adulta, convicta e comprometida. É fomentar o encontro pessoal com Jesus e com o Evangelho de maneira mais intensa, através de uma experiência fascinante que leve a uma adesão, comunhão e intimidade plena com Ele.

Depois, o lugar do leigo na Igreja. O Vaticano II, afirma solenemente que os leigos, incorporados a Cristo pelo Batismo, são parte insubstituível do povo de Deus e participam no múnus profético, sacerdotal e real de Cristo. Ora, «uma Igreja sinodal é uma Igreja na qual todos os fiéis, que gozam de uma igual dignidade, caminham juntos, em comunhão uns com os outros. Cada um é convidado, segundo a sua vocação específica e carisma, a participar ativa e efetivamente na missão comum da Igreja. Como discípulo-missionário, cada um é chamado a anunciar o Evangelho onde quer que esteja e, assim, a ser corresponsável pelo destino da Igreja em caminho». Mas é isto que vemos no dia-a-dia? Infelizmente, não. Então há que limar as arestas. Estas tanto podem estar do lado de um clericalismo que pretende eternizar o seu estatuto, como da parte do comodismo e do não- te-roles dos leigos, habituados a delegar no padre os assuntos da fé e da Igreja. Mas esta é diálogo e participação de todos, sem que o clero se laicize nem os leigos se clericalizem.

Finalmente, o mundo, qual tarefa urgente. Os leigos vivem e expressam o sacerdócio comum dos fiéis na participação da vida da Igreja, mas não menos no

compromisso no mundo. Guiados pelo Evangelho, é sua missão fermentar a sociedade, antecâmara do Reino de Deus, na santidade e na justiça. Pelo seu testemunho e carismas, manifestam Cristo aos outros e constroem a “civilização do amor”, mediante um desenvolvimento integral, de rosto humano. Em união com os seus Pastores e em espírito de sã autonomia, bem a partir do coração do mundo, são chamados a transformar a sociedade e a inserir nela o sal que dá sabor e a luz que faz ver a beleza do Evangelho. Nesta linha, sei que têm sido meus aliados diretos na campanha de restituir o Domingo à sua dimensão religiosa e familiar e evitar que os centros comerciais constituam a única meta do “passeio dos tristes”, como alguém já disse. Continuemos, pois esta é uma questão civilizacional.

Irmãs e irmãos, celebramos cinquenta anos de vida e missão. Deus compense os muitos leigos e alguns sacerdotes que a ela se dedicaram. Da parte destes últimos, para além do atual Presidente, o caro P. Serafim, não posso esquecer o saudoso P. Arlindo. Mas outros também colaboraram, como o P. Crespo ou mesmo o P. Leonel. Agradeço-lhes. E incentivo cada um de vocês a dar corpo ao grande mote do Sínodo, segundo o Papa Francisco: comunhão, participação, missão.

Que o Espírito de Deus continue a soprar sobre vós.

*D. Manuel Linda*

3 de novembro de 2024

(Homilia de D. MANUEL LINDA, Bispo do Porto,  
no cinquentenário da Serra do Pilar)



**A** QUI NA COMUNIDADE CRISTÃO DA SERRA DO PILAR vivi, aprofundi e celebri a Fé durante cerca de 26 anos, entre 1976 e 2002. Nesta comunidade cresci como pessoa e como cristão.

Por isso, agradeço o convite que me fizeram para agora partilhar convosco quão importante foi para mim essa vivência comunitária, nomeadamente a dinâmica catecumenal.

Permitam-me que antes de nela me deter, recorde umas quantas dimensões da vida desta comunidade que foram para mim especialmente relevantes e que, aquando da morte do Presbítero Arlindo Magalhães tive a intenção de publicar, o que por preguiça nunca cheguei a fazer.

Escrevia então:

“...na Comunidade Cristã da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia, adotamos como lema “Ter Rosto e Nome”, tendo como presbíteros Arlindo Magalhães e Leonel Oliveira e posteriormente José Maria Cabral Ferreira, já falecidos. Aí participei numa dinâmica de intensa vida comunitária no Catecumenato, enquanto catecúmeno e posteriormente como responsável pelo módulo de História da Igreja, na atenção aos sinais dos tempos, com um efetivo envolvimento e responsabilização dos seus membros nos desafios da evangelização. O cuidado posto na liturgia e no estudo e meditação da Bíblia contribuíram para

iluminar a partir dos valores evangélicos os acontecimentos na nossa vida pessoal e coletiva, no respeito pela capacidade de discernimento de cada um.

Quando o Padre Arlindo se ausentou para o concluir o seu doutoramento em Salamanca, a presidência da comunidade foi assumida por três leigos, sem prejuízo para a vida comunitária. Com alguma frequência eu e outros membros da comunidade fomos desafiados a fazer a homilia”

A permanente atenção à vida, aos acontecimentos locais, nacionais, universais, aos sinais dos tempos, a sua leitura à luz dos valores evangélicos, contribuía para uma vivência comunitária da fé que não se limitava a uma devoção individual tendo em vista a “salvação da alma”, antes se traduzia numa presença evangelizadora Igreja, Povo de Deus a caminho, procurando pôr em prática as palavras do Senhor “ ... eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10, 10)

A ação no bairro degradado da escarpa da Serra, o compromisso no Bairro da Sé, a campanha contra a abertura do comércio aos domingos, um encontro na garagem, num sábado à tarde, de contextualização histórica do conflito israelo-palestiniano que preparei com a minha amiga Céu Tostão são momentos que recorro deste cuidado em ter presentes as questões da Justiça e da Paz na vida da comunidade, era na formulação de então “destruir o templo e descer o monte”.

A preocupação com o acolhimento daqueles que, vindos de muitos lados, procuravam a Serra para celebrar a eucaristia é outra das características que relevo. Não éramos anónimos, tínhamos rosto e nome, partilhávamos alegrias e tristezas. Como companheiro de caminho mais velho, o presbítero Arlindo partilhava regularmente a refeição com membros da comunidade. O partir do pão eucarístico, gesto que Jesus escolheu para se tornar para sempre presente, era o culminar duma verdadeira vida partilhada, pelo menos assim o desejávamos.

Um núcleo significativo da comunidade vivia no território contíguo em Vila Nova de Gaia. Muitos outros, esse era e meu caso e o da minha família, vinham de territórios vizinhos por

reconhecerem nesta comunidade uma outra maneira mais livre, mais comprometida, mais fraterna de viver a Fé. Pessoas de todas as condições sociais conviviam, contribuindo cada um com os seus dons para a vida em comum, sem discriminações.

O cuidado posto na música litúrgica, os concertos, as exposições, nomeadamente a dos 25 anos da Serra e de ordenação do Padre Arlindo, em cuja montagem colaborei, os passeios, as conferências e mesas redondas muito contribuíram para alargar os horizontes culturais dos membros da comunidade. Homem culto e inquieto, em diálogo com a pensamento e as artes contemporâneas, especialmente o cinema, Arlindo Magalhães sempre cuidou, com o envolvimento de muitos membros da comunidade, de promover um ambiente cultural variado e enriquecedor.

No que me diz respeito, não posso deixar de evocar a bênção do meu casamento com a Graça. Ambos divorciados, vimos o nosso casamento abençoado pelo presbítero e pelo padre José Maria Cabral Ferreira numa celebração já antes ocorrida em circunstâncias idênticas, o que comprova a sua ousadia pastoral, sem ficar refém de códigos incompatíveis com as vicissitudes das vidas: "O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado. Assim, pois, o Filho do homem é Senhor até mesmo do sábado" (Mc 2, 27-28).

Muito do que relembro procede diretamente do Catecumenato, isto é, duma formação consistente na Fé cristã na sua vertente católica, proposta a adultos a que muitos acorreram enquanto fundamento da vivência comunitária.

A dignificação dos sacramentos, não pagos, a começar pela eucaristia não banalizada em celebrações diárias, a consciência da Igreja como Povo de Deus a Caminho com a consequente igualdade entre todos os crentes, sem distinções hierárquicas, a atenção aos sinais dos tempos, com reconhecimento da autonomia das realidades terrenas, a vivência ecuménica regular, em especial com a Igreja do Torne, a prioridade aos mais pobres, tudo isto tem como fundamento o Catecumenato, uma vivência adulta da Fé.

Era um caminho exigente, de quatro anos, com encontros semanais e pequenos grupos de oração. Não se tratava de doutrinação ou “pastilhas de informação”, mas de um consistente percurso de formação com guiões elaborados pelo presbítero em que se estudava a História da Salvação, os Sacramentos, a construção do Ano Litúrgico e a História da Igreja. Divididos em pequenos grupos tínhamos um tempo regular de oração que nos aproximava e ajudava a ser comunidade.

Fui catecúmeno. Faltou-me um ano em que trabalhei fora. Fui também formador no módulo de História da Igreja, seguindo sempre o guião estabelecido pelo presbítero.

O meu jeito, sempre imperfeito e à procura, de ser cristão, os meus conhecimentos sobre a Bíblia, a organização da Igreja Católica e a sua História procedem, em grande parte do percurso que fiz enquanto catecúmeno e animador do Catecumenato na Serra do Pilar, bem como da participação em toda sua vida durante 26 anos.

Nem tudo é perfeito, as comunidades cristãs são constituídas por pessoas com virtudes e defeitos, onde, por vezes, sobrevêm conflitos e mal-entendidos que perturbam o sentido de pertença. Não cabe neste momento de celebração dos 50 anos da comunidade analisar as circunstâncias que me levaram a mim e a muitos outros membros a procurar outros caminhos. Espero que este meu testemunho possa contribuir para renovar a vida desta comunidade na fidelidade aos princípios que a fundamentam.

Celebro na Paróquia da Antas de que faço parte, sou associado do Metanoia – Movimento Católico de Profissionais e são experiências em que me empenho e dão sentido à minha vida, mas para mim, o que vivi na Serra foi o que mais se aproxima do que intuo serem as primeiras comunidades cristãs, animadas pela esperança do Reino anunciado e vivido por Jesus Cristo, mas também elas passaram por tensões e confrontos.

PAULO MELO, (Homilia, 29 de setembro de 2024)

# Uma comunidade que mudou paradigmas



José Sequeira (à direita, nas cadeiras da presidência):  
“Um espaço de acolhimento que apostava numa actividade pastoral inovadora”. Foto: Direitos reservados.

Permitam-me que comece por citar o salmista:

*“Que alegria quando me disseram:*

*‘Vamos à casa do Senhor!’.*

*Os nossos passos se detêm às tuas portas, ó Jerusalém.*

*Jerusalém, cidade bem construída, harmoniosamente edificada,*

*Onde sobem as tribos, as tribos do Senhor, como testemunho para Israel, para louvarem o Senhor” (Sl 122,1-4).*

É, de facto, com muita alegria que, tal como as tribos que sobem a Jerusalém, hoje, como muitas vezes o faço, subi o monte que nos dá acesso a este Mosteiro onde esta comunidade, que desde já felicito, há cinquenta anos, se reúne para louvar o Senhor. E, juntamente comigo, trago a saudação muito carinhosa e calorosa de toda a comunidade da Paróquia de São João Evangelista – Igreja do Torne e do Pároco, Presbítero JAIME DIAS. Trago também uma palavra amiga de D. JORGE PINA CABRAL, Bispo Diocesano e companheiro de

muitos anos da nossa caminhada conjunta.

Comunidade que, num contexto difícil de um conturbado período político-social com as inerentes rupturas e respectivas dores de crescimento, se instalou neste belo e histórico Mosteiro, oferecendo, desta forma, um espaço de acolhimento que apostava numa actividade pastoral inovadora, pretendendo redescobrir *“o rosto verdadeiro da Igreja, enegrecido, talvez escondido, por poeira de séculos”*, conforme afirmou o Presbítero Arlindo quando, no dia 3 de Novembro de 1974 tomou posse e onde a Bíblia e a vida das primeiras comunidades cristãs se tornariam referências fundamentais. Sim, basta lermos o Livro de Actos dos Apóstolos para tirarmos ilacções da Igreja do I século e ver como ela nos fornece instrumentos necessários para o nosso tempo. Esta Comunidade, fugindo dos esquemas pastorais predominantes, ousou mergulhar no contexto da Igreja primitiva, mudando, assim, o paradigma da percepção de compromissos dominantes na realidade eclesial, o que a levou a enfrentar novos e nem sempre fáceis desafios. O singular trabalho pastoral, mas de grande alcance, não deixou de ser um risco, conforme o próprio P. Arlindo reconheceu. Mas, as incertezas em que então se vivia na sociedade portuguesa apontavam para mudanças de paradigmas.

E, nesse contexto, não podia faltar a formação laical através de, entre outros, o curso de catecumenato, que se tornou o centro de experiência pastoral. No final do Evangelho de hoje (Mc 10,2-16), Jesus troca as voltas aos Seus discípulos ao acolher com amor e ternura as crianças que Lhe trouxeram. Com isto, Jesus está-lhes a dizer que no centro da Sua comunidade devem estar sempre os mais pequenos, os mais frágeis, os mais débeis. Sim, devemos ter a ternura, a inocência e a pureza das crianças. Mas, ser como criança não é ser infantilizado. Não é ser imaturo, e muito menos ter fé de criança, mas, antes, ter fé de adulto e ter consciência que tudo, absolutamente tudo, nos é dado pela graça de Deus.

Foi esse o objectivo dos cursos de Catecumenato, onde o ensino da fé destinado a adultos e a formar cristãos adultos na

fé, fornece instrumentos para aprofundar o mistério pascal de Cristo descrito nas Escrituras e percebê-lo dentro da História da Salvação, bem como a capacidade crítica da sua leitura e a consequente tomada de consciência da definição da Economia da Salvação, construindo, assim, a dimensão comunitária da fé. É o alimento sólido da realidade de que nos fala Santo Agostinho num dos seus sermões (cf. Sermão 21.3).

Mas, a Comunidade não estava voltada exclusivamente para si, pois o empenhamento social é uma das suas características marcantes. “*O fundamento*”, conforme há cerca de duas semanas, em representação desta Comunidade, o nosso irmão em Cristo e meu bom amigo José Campos afirmou ao programa *Sociedade Civil* da RTP, “*é descer o monte, pois o nosso lugar é no mundo, na construção de um mundo melhor que é o projecto divino*”. Isto é nem mais nem menos do que amar o Senhor, servindo os homens. É pôr a capacidade pastoral ao serviço dos mais necessitados, dos que sofrem, dos que são marginalizados, ligando, assim, a Palavra de Deus à Vida. É o que os nossos irmãos ortodoxos chamam a liturgia após liturgia. É aquilo que, nós anglicanos, dizemos em oração no final da Eucaristia: “*Pai todo-poderoso (...) envia-nos ao mundo, no poder do Teu Espírito, a fim de vivermos e trabalharmos para Tua honra e glória*” – LIL p. 121).

E foi neste contexto de descer o monte que o P. Arlindo fez, ainda nos anos setenta do século passado, uma visita à Igreja do Torne para dar a conhecer a então recém-formada comunidade da Serra. Foi recebido pelo Cónego Guedes Coelho, também já falecido, que lhe abriu as portas de par em par, criando, desde logo, oportunidades de actuação conjunta, desenvolvendo alguns projectos de acção solidária. Permitam-me que, tendo sido o P. Arlindo um grande cinéfilo, cite a frase que Humphrey Bogart no papel de Rick Blaine dirige ao capitão da Polícia Louis Renault no final do filme *Casablanca*: “*Isto é o começo de uma bela amizade*”.

Não sei se disserem um ao outro esta frase, mas foi, de facto, o ponto de partida de uma bela, leal e fraterna amizade na caminhada conjunta das nossas duas comunidades. Para além

de eucaristias celebradas em conjunto (algumas delas bem documentadas na exposição fotográfica patente nesta Igreja) em dias mais ou menos significativos quer para uma, quer para outra comunidade, reuniões de preparação (com o nosso irmão em Cristo e meu querido amigo Adelino Rosa sempre presente em representação da Serra), reuniões de Oração mensais ora na Serra, ora no Torne, caso único no país, que duraram ininterruptamente desde o Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos em Janeiro de 1980 até à crise da pandemia em Março de 2020 e ainda não retomadas por circunstâncias várias.

Podemos, a Comunidade do Torne e a Comunidade da Serra, estar meses sem nos encontrarmos, mas nada muda na nossa amizade. Quando nos encontramos é como se o tempo não tivesse passado. Contudo, devemos continuar a caminhar juntos, nos mesmos ou em outros moldes pois, *“a unidade da Igreja é um facto perpétuo; a nossa tarefa não é criá-la, mas dar testemunho dela”* (William Temple, Arcebispo de Cantuária de 1942 a 1944). Por outro lado, a concepção de *“caminhar juntos é um processo no qual a Igreja, dócil à acção do Espírito Santo e sensível em acolher os sinais dos tempos, se renova continuamente e aperfeiçoa a sua sacramentalidade para ser testemunho credível da missão a que foi chamada”* (Papa Francisco - XVI Assembleia Sinodal).

Faço votos de que aprofundemos o desejo de cooperação de tal forma que abramos mais e mais as portas àqueles que nos procuram, conforme o testemunho que recebemos e que passaremos aos vindouros e, desta forma, alcancemos cada vez mais pessoas, levando-lhes a esperança outorgada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

*“O Senhor abençoa os que n’Ele confiam”*. Assim reza o v. 4 do salmo 128 (127) indicado para hoje. Que o Senhor abençoe as nossas comunidades.

V. N. Gaia e Mosteiro da Serra do Pilar, 06.10.2024

*José Sequeira*

# A MÚSICA LITÚRGICA nos 50 anos da Comunidade da Serra do Pilar



EM TEMPO DE CELEBRAÇÕES, fui convidado a dar o meu testemunho relativamente à música litúrgica nesta comunidade. Devo dizer desde já por indisponibilidades e impossibilidade de dedicação exclusiva, nunca fui o responsável musical do coro da Serra do Pilar, embora me tenha considerado ao seu serviço prioritariamente como compositor.

Nessa qualidade fui escrevendo diversos cânticos para a liturgia, quase sempre sobre textos de grande qualidade litúrgica e poética, da autoria de uma dupla que deixou marcas em tudo o que escreveu: o P. Leonel de Oliveira e o Manuel Neto. É de alguns destes assuntos que quero deixar notas breves, sublinhando alguns pontos que me parecem distintivos da prática musical da comunidade e que de alguma forma marcaram grande parte do que se fez nesses domínios.

O P.e Arlindo Magalhães desempenhou desde o início um papel primordial na construção e sedimentação da comunidade, surgindo como verdadeiro catalisador de tudo o que nela se foi criando, construindo e desenvolvendo, lançando ideias e iniciativas, suscitando colaborações, participações, empenhamentos.

A Eucaristia sempre foi entendida e sentida como o centro da vida cristã da comunidade. Decorrente deste princípio, prestou-se a máxima atenção à palavra, aos gestos, aos sinais, ao espaço da celebração, aos diferentes elementos simbólicos, ao canto e aos seus níveis de participação (o celebrante, a assembleia, o coro, os solistas, os instrumentistas).

A música sempre foi sentida e entendida pela comunidade como elemento de grande importância na sua dimensão celebrativa. Essa relevância está implícita na forma como tudo se foi organizando a partir da acção mobilizadora do seu presidente, P.e Arlindo Magalhães, mais tarde secundado pelo P.e Leonel de Oliveira e desde sempre apoiado por um grupo de jovens (alguns menos jovens) que foram formando o coro ao longo dos tempos e que à parte musical dedicaram a sua generosidade e entusiasmo. Todos foram crescendo na sua aprendizagem e na experiência de comunidade e de igreja, abrindo-se também a novas práticas e experiências musicais. Isso se tornaria suporte e estímulo para um canto que cada vez mais se fez

de todos, à medida que a assembleia foi aprendendo a apropriar-se dos textos e músicas que se foram criando e ensaiando. As várias funções e ministérios foram sendo suscitados pelas necessidades da comunidade, nos vários níveis de participação que foram exigindo: coro, solistas, instrumentistas, director do coro, directores do canto da assembleia e outros.

No que respeita à criação da música para a liturgia, faz sentido referir aqui a equipa que tomou a seu cargo essa missão, por proposta e estímulo constante do P.e Arlindo: o P.e Leonel de Oliveira, o Manuel Neto e eu próprio. Nesta demanda, ao longo dos anos, diversos enquadramentos e preocupações foram norteando a nossa actividade. Sublinho resumidamente alguns deles.

Numa procura de renovação, alguns exemplos de música litúrgica de outros países, nomeadamente da comunidade de Taizé, constituíram uma referência e estímulo, pela riqueza das suas formas, pela simplicidade e beleza de alguns processos retirados da música do passado e por técnicas de grande resultado expressivo e de ambientes mais próximos das músicas do mundo. Também a rica tradição musical da Igreja nos forneceu inspiração e estímulo, tanto na prática e exemplo do canto gregoriano como da polifonia antiga.

Mas tornava-se imperioso encontrar novos cânticos e repertórios, que respondessem às necessidades particulares da comunidade e pudessem ser assumidos como cânticos de todos. Alinho resumidamente alguns pontos desta procura:

- a necessidade de encontrar formas de expressão mais adequadas e acessíveis a todos, mas ao mesmo tempo com abertura para outros registos, sensibilidades e exigências, nomeadamente no que respeita ao coro;
- a perspectiva de desenvolver formas mais completas e expressivas para o canto da assembleia, estimulando a participação e mobilizando para a mudança;
- a criação de escritas corais que, partindo de bases mais acessíveis a todos, pudessem ir fazendo evoluir as vozes e os conjuntos, na procura de uma maior riqueza da expressão;
- a potenciação dos instrumentos (órgão, as guitarras, o baixo eléctrico, as flautas) que foram existindo dentro do núcleo do coro, e a que pontualmente foram sendo acrescentados outros (trompete e piano, por exemplo) em nome da excepcionalidade ou particularidade de alguns momentos celebrativos;
- a perspectiva de trabalhar num campo musical um pouco mais aberto que o da tradição da música da Igreja, que pudesse ajudar a

renovar práticas e expressões e a construir linguagens com alguma sintonia relativamente à música do nosso tempo;

(Apesar disso nunca se abriu a porta a qualquer importação primária de música ligeira, seja da música rock ou pop e muito menos dos géneros mais “rasteiros” da música popularucha).

- a procura de correspondência do trabalho musical com a excepcionalidade dos textos que o P.e Leonel e o Manuel Neto foram produzindo ao longo do tempo, tendo constituído um estímulo e um extraordinário desafio para a escrita musical.

Faço referência ainda ao longo trabalho realizado sobre os salmos, em grande parte repensados e revistos para a Liturgia das Horas, em textos destinados a serem cantados, onde a proximidade com a escrita poética, o ritmo das palavras, a sonoridade, a qualidade da escrita, são determinantes. (Foi um trabalho de anos, inesquecível, às quartas-feiras, em casa do P.e Leonel – a casa de todos, na Viela do Anjo, no Porto).

Refiro de passagem alguns cânticos maiores: O Salmo 50, o Grande Hallel, os Introitos para as grandes festas do Natal, da Páscoa, do Pentecostes, os Introitos do Advento e da Quaresma, os salmos da Vigília pascal, os cantos eucarísticos; os cantos para a celebração do Matrimónio. E junto ainda os vários cantos para o ordinário da missa, as aclamações e cantos para as Preces, os salmos responsoriais ou para a Liturgia das Horas, a música para celebrações com as crianças, cantos para a catequese ou o Catecumenato.

Quero também lembrar as vozes inesquecíveis do P.e Arlindo e do P.e Leonel, na presidência das celebrações, cantando o Prefácio ou as Aclamações do Final da Anáfora, que sempre recordarei emocionado.

Gostaria de referir e sublinhar finalmente dois momentos particulares da presença música para a liturgia criada na comunidade da Serra do Pilar: o trabalho realizado para o Precónio – um dos momentos mais altos da extraordinária celebração da Vigília Pascal; e um concerto invulgar, com 3 coros e vários instrumentistas, em que a propósito da celebração do Vaticano II se fez uma resenha da música criada para esta comunidade.

*O Precónio Pascal é uma parte significativa da mais importante celebração da liturgia cristã: a Vigília Pascal. Momento excepcional, pela sua amplitude, pela riqueza dos textos e pelo sugestivo e profundo significado dos gestos e dos sinais, este é um hino maior. Com ele se encerra a primeira parte da vigília pascal: a liturgia da luz.*

*Tendo em conta as características únicas desta celebração e a importância que a Comunidade da Serra do Pilar sempre atribuiu à liturgia,*

*propusemo-nos repensar esse importante momento celebrativo. Neste trabalho de equipa – o P.e Leonel de Oliveira, o Manuel Neto e eu próprio – se refizeram e reequilibraram os textos, criando-se a música que os suporta e amplifica. Corria o ano de 1998.*

*Como momento litúrgico privilegiado que é, o excepcional texto do Precónio requereu tratamentos musicais mais amplos e mais abertos, sugerindo meios e processos que não serão de todos os dias em qualquer uma das nossas comunidades, não apenas no tipo de escrita musical apresentado, mas também nos meios que mobilizou (coro, assembleia, solistas, duas flautas, trompete, guitarra, baixo eléctrico, piano e órgão).*

*Apesar de tudo, a linguagem musical utilizada e as ferramentas musicais que a suportam pretendem equilibrar dois vectores distintos: o carácter funcional de uma música que cumpre um papel na celebração de toda a comunidade (música em que todos participam, portanto, sem prejuízo de outras formas qualificadas de participação, tais como o coro, os solistas, os instrumentos); e uma perspectiva de abertura e de algum alargamento relativamente aos meios e às ferramentas musicais da arte do nosso tempo (procurando criar portas para uma expressão mais aberta e mais projectada). E, também nisso, pascal.*

*A propósito dos 50 anos do Vaticano II, a comunidade da Serra do Pilar organizou um ciclo de eventos vários – entre conferências, debates ou outros formatos – tendo previsto também um "concerto" dedicado à música litúrgica (já que a liturgia e a sua música tiveram e têm particular relevância na comunidade).*

*A sequência dos vários tempos litúrgicos foi o fio condutor com que pretendemos articular as peças desse concerto. No centro de tudo colocámos a música do tempo pascal, sobretudo três distintos momentos do Precónio, o canto maior da celebração da Páscoa nesta comunidade. Como separadores e comentadores das peças musicais, decidimos convocar também alguns poemas de José Augusto Mourão. São textos quase litúrgicos que prolongam, a seu modo, a força, a expressividade, a verdade e a beleza de todos os textos que o P.e Leonel e o Manuel Neto escreveram e que eu tive o privilégio de musicar.*

*Foi uma espécie de celebração-concerto, à volta da música que nasceu nesta e para esta comunidade, como consequência das promessas do Vaticano II (que como sabemos, estão bem longe de se terem cumprido, também na música e na liturgia...). Participaram 3 coros e diversos instrumentistas convidados que nos ajudaram nessa festa da nossa música.*

*Fernando Lapa*

# a presidência leiga da Comunidade da Serra do Pilar



Comunidade da Serra do Pilar: uma experiência diferente, com 50 anos. Foto © Direitos reservados

Vai, Serra do Pilar!

Foi com esta frase que dom Júlio Rebimbas, o bispo do Porto, terminou a sua homilia, quando veio “impor as mãos” à presidência leiga desta comunidade... Corria o ano de 1992.

Dos quatro que assumimos, então, esse ministério, estamos dois, aqui hoje, a dar o nosso testemunho.

E de cada vez que falamos entre nós sobre esta vivência, ficamos de novo os quatro: o Vasco, a Dona Manuela, o Campos e a Margarida.

A presidência da Comunidade marcou-nos e uniu-nos, muito para lá da ganga da vida ou da fragilidade de todas as realidades humanas. Tão forte foi a experiência, tão profundamente assumida por todos, que nem mesmo a morte foi capaz de dividir ou separar o que o Espírito de Deus, um dia, uniu!

Julgo que nunca nenhum de nós percebeu bem porque é que tinha sido escolhido de entre tantos, com iguais ou mais capacidades; mas a verdade é que o ministério nos foi entregue a nós e nós, em conjunto, o aceitamos.

Escrevia, então, o nosso presbítero Arlindo:

“No Sábado, dia 03 de Outubro, à noite, pelas 21.30H, virá até nós o Bispo da Diocese – o Senhor Dom Júlio – presidir à nossa Eucaristia dominical (num Sábado, por sobrecarga da sua agenda) e investir em ministério aqueles que, de entre nós, vão assumir a tarefa da presidência. Estarão certamente connosco amigos de vários lados,

todos conscientes de que o passo que inauguramos é importante, é novo e é de monta: o próprio facto de vir até nós o Bispo, só por causa disso, diz da importância do desafio que assumimos.”

E que desafio!

Uma novidade, então e ainda hoje, infelizmente, numa Igreja onde todos são chamados a ser Santos, mas onde tantos continuam sem pôr a render os seus muitos talentos por comodidade pessoal ou por causa das leis dos homens que teimamos em considerar desígnios de Deus.

Durante quatro anos, houve uma presidência leiga numa comunidade cristã em Portugal! Aqui, na Serra do Pilar!

Durante esses quatro anos, toda uma comunidade se esforçou por assegurar a nossa vida em comum. Muitos foram os desafios, num caminho nem sempre claro, nem sempre fácil, mas sempre partilhado. A Assembleia cresceu, os serviços/ministérios funcionaram, os carismas foram postos a render como sempre o tínhamos feito até então.

As acesas discussões no Conselho da Comunidade nunca beliscaram a nossa união, e foram sempre transformadas em diferentes formas de avançar e desbravar o caminho desta pequena parcela do Povo de Deus. Sempre com a porta aberta, sempre com a mesa posta para todos quantos connosco quisessem partilhar a vida e viver a fé. Sempre com um profundo respeito pela liberdade dos filhos de Deus.

A presidência leiga da Comunidade Cristã da Serra do Pilar foi, para nós – julgo poder dizer, para cada um de nós quatro – uma escola de vida.

Tudo era decidido em conjunto e sempre por consenso, distribuindo pelos quatro as diferentes funções, atendendo às capacidades e carismas de cada um: lembro, a título de exemplo, o cuidado e a dedicação do Vasco na preparação da cada celebração dominical; ou o trabalho incansável da Dona Manuela junto das várias instituições públicas e sociais, ajudando a criar pontes e a incentivando a Comunidade a “descer o monte”.

Muitas foram as reuniões que duraram tardes inteiras, na casa pastoral... e descobrimos em conjunto que nada do que é verdadeiramente importante se faz sem esforço e sem um enorme compromisso pessoal.

E isso implica capacidade de ouvir, de sofrer, de se superar e uma grande dose de paciência – porque nos recusamos a avançar sozinhos! os “tempos” e “as velocidades” de cada um são para ser respeitados, e isso é uma aprendizagem das mais difíceis de fazer em comunidade. Diríamos que cumprimos bem o que nos pede São Paulo: que nos “aturemos” uns aos outros!

E, no final dessa longa experiência, conhecíamos-nos e amávamos-nos uns aos outros, muito mais do que quando começámos! E mantivemo-nos sempre juntos, e muito, muito próximos, ainda que a vida (e a morte!) nos tenha enviado por caminhos tão diferentes!

Valeu a pena? Claro que sim!

Se temos saudades de um futuro onde fosse possível uma evolução na continuidade que nunca chegou a acontecer – por vontade do presbítero então regressado, por vicissitudes da vida ou porque assim tinha de ser? – e que poderia ter levado a outras realidades e desafios também vividos em comum unidade?

Muitas!

Mas ainda assim, tudo somado, voltaríamos a fazer tudo de novo e a dar-nos da mesma forma à tarefa que nos foi confiada.

Na certeza de que, mesmo quando damos tudo o que temos e somos, e o fazemos da melhor forma que somos capazes, nada é eterno ou tem garantia de continuidade. E quando o sabemos e ainda assim o decidimos fazer e assumir, então é porque o fazemos de Graça.

E por isso, a experiência em si, é suficiente para que nos sintamos gratos e para que possamos continuar a dar Graças – a Deus e aos irmãos e companheiros de caminho – e seguir na vida, tentando encontrar outras formas de ser sal na terra e luz no mundo!

(Um aparte pessoal: há muito que não faço parte da Comunidade Cristã da Serra do Pilar, mas a Comunidade Cristã da Serra do Pilar será sempre parte em mim.)

Aqui nos fizemos, aqui nos desfizemos, aqui nos refizemos, vezes e vezes sem fim!

Por isso também, estaremos sempre muito, muito Gratos!

Obrigada, Serra do Pilar!

13 Out 2024

*Margarida Ferreira*